Wicka!

Júlio Cedro de Oliveira

São Paulo
2018

Capa: Modificação da imagem de capa do single Right Back (Markk Istane Remix) do DJ Yure Kane com ferramenta gráfica Gimp.

Mapas: criados no site Inkarnate.com e editados com ferramenta gráfica Gimp.

Catalogação na publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pelo autor

OL48w Oliveira, Júlio Cedro de, 1969-
Wicka!/ Júlio Cedro de Oliveira. - 1 ed. - São Paulo: 2018.
310 p.

ISBN 9781985759503

1. Ficção. 2. Ficção nacional. 3. Romance. 4. Romance nacional. I. Título. II. Autor.

CDD: B869.3
CDU: 82-311

(Wicka – Leia-se Vica)

Dedico este livro à minha filha Júlia e à minha esposa Adriana, fontes de minha inspiração… e um pouquinho à minha vontade de escrever.

"O que separa o aqui do acolá? O que separa a ideia, da realização? Apenas o primeiro passo! Este é o elemento decisivo para a concretização de qualquer plano."

Índice

Capítulo 1: Na minha infância.....7

Capítulo 2: A tiara de Luana.....31

Capítulo 3: Luana exige sua tiara.....53

Capítulo 4: A filha de Luana.....71

Capítulo 5: Quatro anos em um capítulo.....89

Capítulo 6: A Sorte de Wicka.....109

Capítulo 7: Libertas quae sera tamem.....129

Capítulo 8: Os gigantes do norte.....145

Capítulo 9: Wicka sob Sixta.....167

Capítulo 10: Aibnatu Saysta vai à guerra.....183

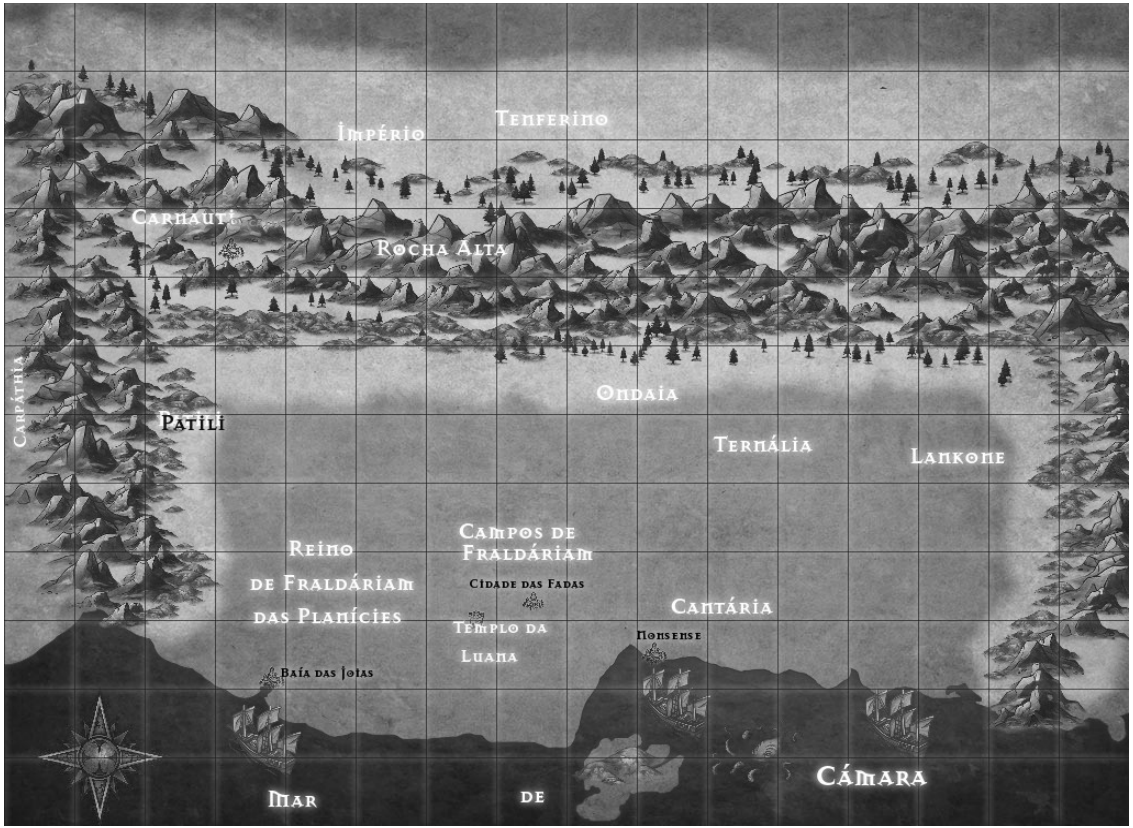
Capítulo 11: Os Qyrênios.....203

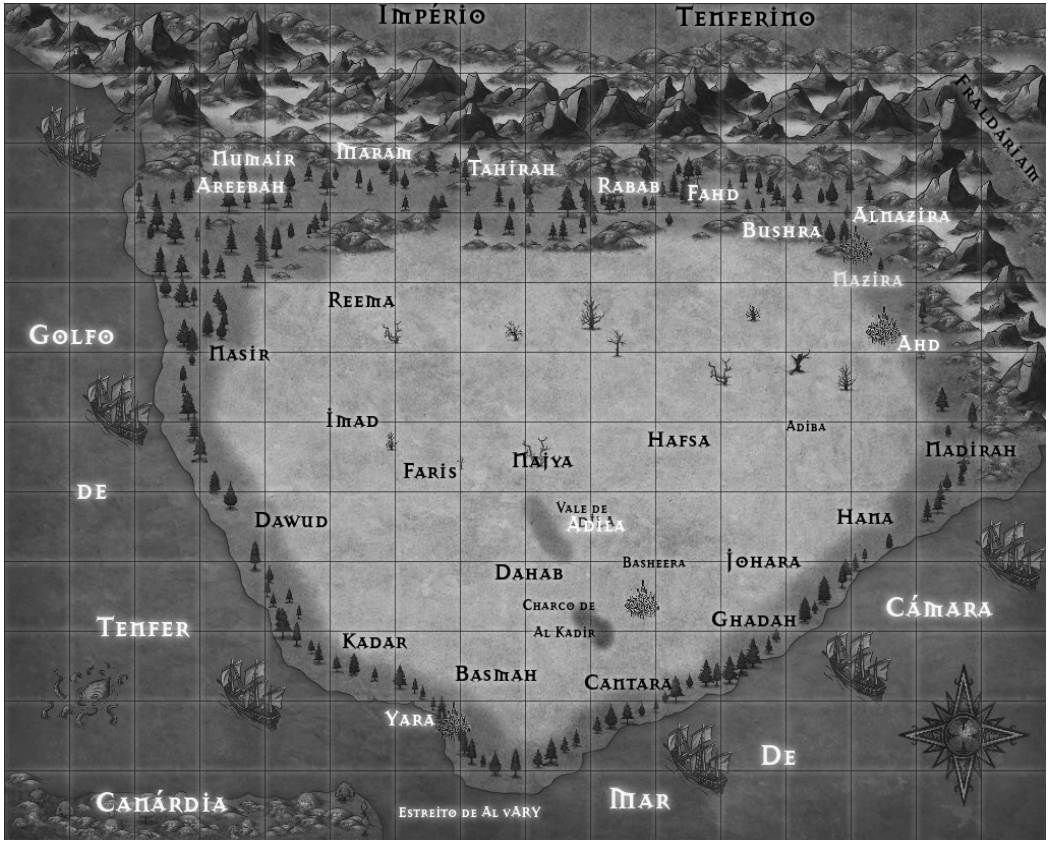
Capítulo 12: Duas faixas, dois exércitos e um presente.....223

Capítulo 13: O poço e o lamento.....241

Capítulo 14: Três Luanas.....261

Capítulo 15: O início.....293


Império
Tenferino
Carnauti
Rocha Alta
Carpáthia
Patili
Ondaia
Ternália
Lankone
Campos de Fraldáriam
Reino de Fraldáriam das Planícies
Cidade das Fadas
Templo da Luana
Cantária
Nonsense
Baía das Joias
Mar de Câmara


Império
Tenferino
Fraldárian
Numair
Areebah
Maram
Tahirah
Rabab
Fahd
Almazira
Bushra
Nazira
Reema
Golfo
Nasir
Ahd
Imad
Adiba
Hafsa
Nadirah
Faris
Maiya
de
Vale de
Adiba
Dawud
Hana
Basheera
Johara
Dahab
Charco de
Al Kadir
Cámara
Tenfer
Ghadah
Kadar
Basmah
Cantara
Yara
De
Canárdia
Estreito de Al vary
Mar

Capítulo 1: Na minha infância.

Desde que me lembro, sempre apliquei golpes ou os sofri, e de quem eu mais os recebia, era da vida. Desde pequena. Ao nascer perdi minha mãe e a parteira me entregou ao meu pai. Dizem que ele me apanhou no colo e continuou a beber com seus amigos enquanto eu chorava, ao que lhe perguntaram qual nome me daria.

– Wicka, a oitava nota musical! Ouçam como ela a repete incansavelmente!

– Ela chora assim, por quê está com fome! – alguém falou.

– Deixe estar! Melhor chorar bastante agora, pra quando crescer não ter lágrimas para derramar! – ele respondeu.

– Que crueldade, Malaquias!

Mas disso, eu não me lembro. Vou contar minha história a partir do momento em que eu tomei consciência de mim.

Aos cinco anos ajudava meu pai a aplicar pequenos golpes nas pessoas. E foi nessa época que a Princesa Sissi, futura governante de Fraldariam, nasceu e com quem eu teria alguns entreveros. Quanto às pessoas, não retirávamos fortunas delas, apenas o suficiente para comermos algo. Meu pai nasceu em Katapim, de um povo que gostava de perambular por Ultramundi e que não tinha porto certo. A única coisa certa, era o local de origem, de resto!, somente a história de cada um para dizer por onde eles passaram. Vez ou outra, surgia um parente distante ou amigo dele para nos visitar, ou com quem trombávamos pelas praças e ruas de Nonsense, porto de Fraldariam.

Eu gostava daquela vida livre e desobrigada. A única coisa de que eu me ressentia, era da falta de uma mãe. Quando eu ensimesmava, meu pai já sabia que eu pensava na falta dela, e ele me falava:

– Wickinha, eu poderia lhe conseguir uma nova mãe, mas nenhuma das mulheres que eu conheço, serve para fazer este papel…. – então ele me abraçava

e me chamava para "aliviar as pessoas de seus pertences, que elas não sabiam que não queriam mais!" – eu ria e seguia com ele para a praça.

Às vezes apanhávamos da guarda do reino. Lambíamos as feridas e recomeçávamos. Aquilo era o que sabíamos fazer! Mas meu pai sabia fazer outras coisas também. Ele sabia cantar e sua guitarra katapim parecia ser mais importante do que eu. Era com ela, que meu pai levava mulheres para a cama, conseguia uns troquinhos a mais e arranjava muita briga com os homens daquelas mulheres. E como ele lutava! Era "mestre" na briga de rua, conhecendo todos os golpes e truques sujos, que impunham medo em qualquer oponente. Quando as mãos e pés não bastavam, ou quando a situação exigia, seu punhal resolvia qualquer desavença. Nunca vi, mas diziam que ele tinha duas ou três mortes no "currículo". Nunca o vi matar ninguém! Mesmo porque, ele me orientou a me esconder quando alguém pretendesse brigar com ele.

– Wickinha, quando algum safado quiser brigar comigo, afaste-se! Não quero que você se fira…

Fazia isto, porém, de longe, assistia a surra que ele dava no "safado".

Muitas vezes ele foi preso, mas logo era solto. Eu ficava sozinha nas ruas e fugia da guarda. Eles poderiam me mandar para algum orfanato, e eu tinha medo. Ouvia muitas histórias ruins das outras crianças que passaram por lá. Certa vez ele ficou um mês na cadeia por bater em um soldado da guarda. Este soldado mereceu, pois sempre provocava meu pai no intuito de mandá-lo para a prisão. Numa noite em que meu pai bebeu além da conta, e arrumou mais uma de suas brigas, o soldado aproveitou para dar voz de prisão a ele. Meu pai não concordou com sua decisão e resolveu reagir, justamente batendo no soldado. Logo veio reforço, e o levaram.

Estive no tribunal para ouvir a sentença do magistrado, escondida, é claro! Quando o juiz proferiu a sentença, eu tremi! Meu pai me avistou no meio das pessoas que foram compradas para testemunhar contra ele. Ao ver que eu ia protestar, ele fez um sinal para que eu saísse dali. Obedeci.

Dia após dia, eu esperava na frente da prisão, com a esperança de que o libertassem. Eu sabia que o prazo da sentença demoraria, ainda assim, passava por

lá, imaginando que o juiz poderia "se arrepender" e mandar soltar meu pai. Ilusão de criança. Tinha meus oito anos.

Enquanto ele esquentava a cela eu me virava. Juntei-me a um grupo de crianças que viviam nas ruas e ia furtar pequenos pertences das pessoas. No mais das vezes, roubávamos dos idosos e apanhávamos das outras pessoas.

À noite eu ficava escondida em nosso quartinho no cortiço e comecei a mexer na guitarra katapim de meu pai. Eu não sabia, nem imaginava, mas só de olhar meu pai tocá-la, aprendi algumas notas. Fiquei encantada com os sons que consegui retirar dela. Meus dedos percorriam suas cordas quase igual aos de meu pai. Então decidi que aprenderia a tocar e que me tornaria uma cantora quando crescesse! Passei a sair menos do cortiço e ficava dedilhando a guitarra, e eu conseguia! Era um dom que eu não sabia que tinha! Após conseguir tocar uma música inteira, passei para outra, e depois outra, e outra até formar um bom repertório.

Tive uma ideia, que qualquer criança teria… Eu acho! Fui para a praça com a intenção de me apresentar.

Larguei uma tigela à minha frente e observei os transeuntes por alguns minutos, então assentei a guitarra de meu pai sobre as pernas e comecei a afiná-la. Meus amigos aproximaram-se:

– Olha! É a Wicka!

– O que ela está fazendo?

– Ela vai tocar!

Estas foram algumas das frases de admiração, que ouvia, enquanto afinava a guitarra.

Comecei! E era tão natural, que eu mesma fiquei impressionada. As cordas da guitarra cantavam e emitiam seu som melodioso, eu as acompanhava com minha voz. Meus dedos trançavam os acordes e as pessoas começaram a se juntar para me ouvir. Não me sentia mais como uma criança! Eu era o centro das atenções!

As pessoas jogavam seus trocados na tigela a cada música que eu executava e eu estava feliz.

– Ela é minha amiga! – dizia um de meus colegas de rua.

– Minha, também! – completava outro.

De repente um tumulto! As pessoas eram afastadas e empurradas por alguém que tentava romper a barreira que se formou à minha volta. Então, ele surgiu! Meu pai!

As pessoas que foram empurradas, ao perceberem de quem se tratava, faziam silêncio, pois já conheciam a fama de brigão dele. Ao me ver ali, sentada na calçada e com sua guitarra, seus olhos arderam e avançou em minha direção. Tomou o instrumento de minhas mãos e chutou a tigela de moedas, espalhando todas aos pés das pessoas. Uma ou outra tentou protestar, mas diante de sua encarada se calavam. Agarrou meu braço e me puxou!

– Pai! – falei com a voz sumida.

– Cale-se e vamos sair daqui! – eu comecei a chorar enquanto era arrastada.

Ao chegar no cortiço, ele me jogou para dentro de nosso "muquifo" e falou:

– Eu lhe avisei para não mexer em minha guitarra! Você é livre para fazer o que quiser, só não mexa nela!

– Pai! – era a única palavra que eu conseguia dizer.

Ele parou de falar e abriu os braços para me receber.

– Wickinha, Wickinha! Senti tanto a sua falta!

Eu chorava e pedia desculpas por ter mexido na guitarra. Eu sabia que ele tinha o maior apreço por ela. Justifiquei:

– Eu gosto de música… Eu pensei em ganhar algum dinheiro para livrá-lo da prisão… Prometo que não vou mais mexer na sua guitarra!

Meu pai me abraçou e não falou nada. Alguns dias depois me surpreendeu com um presente e uma advertência:

– Se você quer tocar a guitarra katapim, tem que se dedicar. Qualquer um pode tirar algumas notas dela e achar que sabe tocá-la, poucos podem dominá-la plenamente. Acredito que você está dentro desta segunda categoria de pessoas.

Mas para isso, terá que treinar bastante. Você está disposta a dedicar sua vida à guitarra? Lembre-se, ela não tem as vinte cordas à toa!

Olhei para o presente, minha própria guitarra, e acenei positivamente. Eu queria! E meu pai começou a me ensinar.

– Aquilo que você fez na praça, qualquer um pode fazer! Tente repetir estas notas. – ele tocou uma sequência complicada e mandou que eu a repetisse. Tentei, e de primeira, errei. Fiquei com medo que ele ralhasse comigo. Ao contrário, foi muito paciente e repetiu os acordes, devagar desta vez. Eu pensei ter entendido. Triste engano! Meus dedos travavam e não repetiam as notas. Meu pai riu e me falou:

– Sem treino você não vai conseguir… Primeiro terá que dominar cada nota, depois você as une.

– Assim vai demorar! – protestei.

– O tempo consumido fará com que você as domine perfeitamente, e nunca mais vai errar! Nada vem fácil na vida, exceto as carteiras dos otários da praça!

Ele tinha razão! Passei a treinar cada nota e depois de alguns dias, executei a sequência inteira sem errar. Fiquei muito feliz quando mostrei para ele, porém ele me apresentou outra sequência mais complicada. Como eu já sabia o caminho a percorrer, treinei cada nota e, mais rápido do que com a primeira sequência, executei esta e as demais.

– Você é inteligente, Wickinha! Logo, poderá compor suas próprias músicas.

Não era bem assim. Eu não tinha ideia de que compor era tão difícil. Minhas primeiras tentativas eram ridículas e às vezes eu até tentava compor em cima de músicas já conhecidas. Um fiasco!

– Não se preocupe. Sempre utilizo alguma referência para criar minhas músicas. As pessoas são inspiradoras, seus defeitos e qualidades podem ser destacados de forma sutil, mas elas sempre vão se identificar em minhas músicas, ou identificar algum conhecido.

– Mas como você consegue juntar as palavras e, principalmente, como você encontra as palavras certas para encaixar na música?

– Percepção, talvez? Não sei! As palavras eu aprendi pelos anos de vida… pela experiência que os anos me deram. Você chegará lá.

Fiquei na dúvida se conseguiria. Eu era tão nova e já queria compor. Se a experiência de vida era o que determinava, então decidi viver minha vida com muita intensidade!

Resolvi sair do muquifo e vivenciar as coisas. Andava pela praça e observava as pessoas. O modo como falavam, os trejeitos, como mastigavam, como riam. Passei a prestar atenção, também aos sotaques. Como morávamos em uma cidade portuária, Nonsense, recebíamos muitos estrangeiros e, por consequência, ouvíamos idiomas diferentes. Muitos comerciantes carphátios e Katapim, navios de Piro com cargas de cobre, canárdios procurando aventuras, patseanos de passagem e vários outros povos. Os únicos que eu não vi eram os tenferinos. Estes, só vi bem mais tarde, quando eu tinha décadas de vida. Mas esta é uma história para mais tarde. Eu ainda vou falar sobre eles e o impacto que tiveram em minha existência, mas não agora.

Por hora, vou falar dessa minha primeira infância.

E agora, eu já me arriscava a compor! As letras eram simples e infantis, como deveriam ser. Meu pai dizia:

– Tudo ao seu tempo, Wickinha! Veja, você só tem poucos anos desde que começou a aprender a tocar a guitarra… seria querer demais, que já conhecesse todos os meandros da vida. Como você sabe, só não te levo nas minhas viagens, pois os riscos são maiores lá fora do que na cidade. Aqui, tenho amigos que ficam de olho em você e evitam que algum mal lhe aconteça…

Nossa vida seguia, e eu completei treze anos. Eu estava feliz, nem sei o por quê. Mas estava feliz! Meu pai faria mais uma de suas viagens e decidiu me levar com ele. Dias antes, dois amigos mal-encarados apareceram em companhia de uma mulher misteriosa.

Yorg, era o mais mal-encarado, ele era grosseiro, carrancudo e aparentava ser muito forte. Quase não falava. Bafa, era o outro. Estúpido, mas perigoso, como

dizia meu pai: – "Tenha cuidado com os idiotas. Ou eles o são de verdade, e isso acaba nos prejudicando, ou eles apenas fingem ser, e isto é perigoso!" – E Vanya. Eles queriam sua ajuda para resolver um "probleminha" na capital, Cidade das Fadas ou próximo a ela. Seguimos para lá em seu carroção, e meu pai me explicava sobre algumas singularidades de Fraldáriam:

– Cuidado com as vilas dos espectros! – dizia.

– Vilas dos espectros?! – espantei-me.

– Sim! – falou isto e se calou. Imaginei que ele estava apenas contando uma história para me amedrontar, contudo ao nos aproximarmos de uma, ele me alertou:

– Veja, Wicka! Ali está uma!

Pulei no banco para ver. Não aparentava com nada que eu imaginei. Era uma vila comum, com casas comuns, embora muito arruinadas. Mas o curioso é que não avistei uma pessoa sequer!

– Onde estão os espectros, pai?

– Estão escondidos… – Vanya respondeu, aproximando-se de mim. Era a mulher misteriosa! Linda, porém misteriosa. Sua pele era branca como cera, seus cabelos, negros e lisos. Meus cabelos eram longos também, porém viviam embaraçados! Seus lábios, finos, estavam sempre vermelhos. Pareciam um morango na areia branca das praias de Nonsense. Os olhos eram violeta e expressavam, ou melhor, pareciam esconder todo o seu mistério!

– Você quer vê-los? – perguntou.

Meus olhos cresceram, assim como meu medo! Eu balbuciei:

– Sim… – sem muita certeza.

Ela sinalizou para que os homens parassem o carroção. Obedeceram, e ela me conduziu para fora. Segurando minha mão, foi se aproximando da vila. Meu pai e os dois homens permaneceram sentados a nos observar.

Seu caminhar era suave, assim como as pontas de seus dedos. A leve brisa fazia seus cabelos esvoaçarem e tocar meu rosto. Eu gostei, pois eles causavam uma ligeira cócega e também eram perfumados. Eu fechava os olhos e sorvia o perfume.

– Está preparada, Wicka? – paramos no limite da entrada da vila e meus olhos responderam por mim!

Vanya sorriu e agachou-se para apanhar uma pedra, que lançou contra a parede de uma casa. Não esperamos muito, logo surgiu uma pessoa, depois outra e mais outra. Em poucos segundos era uma multidão. Elas saiam das casas lentamente e tinham o aspecto maltrapilho, a pele escurecida pela sujeira. Era como se estivessem acometidas de alguma doença. Fiquei com mais medo quando elas caminharam em nossa direção, e tentei recuar. Vanya segurou firme minha mão e me obrigou a ficar ao seu lado.

– Não tenha medo… – falou num sussurro.

O medo fez com que eu me escondesse atrás dela, que riu disso e me puxou para sua frente, apoiando as mãos sobre meus ombros, mantendo-me naquela posição. Eles avançavam enquanto arreganhavam os dentes e davam sinais claros de que queriam nos pegar! Tentei correr para a segurança do carroção, mas Vanya manteve-me firme ali. Fechei os olhos, e esperei pelo pior, quando os espectros "pularam" sobre nós.

Ouvia seus silvos e grunhidos, e percebi que eles não podiam nos alcançar!

– Abra os olhos, menina Wicka!

Obedeci e os abri lentamente. Os espectros espremiam-se à nossa frente e eram impedidos de nos alcançar por algum tipo de barreira, assemelhavam-se a mim e meus amigos de rua quando grudávamos os rostos nas vitrines das padarias de Nonsense para admirar os bolos e pães expostos. Vanya explicou o que acontecia, diante de minha cara de espanto:

– Um encanto os mantém presos na vila. Observe a grama! Até onde ela se estende, marca a divisa que eles não podem ultrapassar. Desse limite para lá, nada cresce.

Reparei nos detalhes, e a grama não crescia dentro da área da vila a partir do ponto em que ficaram bloqueados. As poucas árvores que havia, estavam ressecadas e aparentemente mortas. Somente algumas galinhas ciscavam nos arredores das casas.

– O que aconteceu com eles? Por que eles ficaram assim?

Vanya se agachou ao meu lado e falou baixinho como se contasse um segredo:

– Foram amaldiçoados pelo Povo Antigo e foram obrigados a permanecer dentro desta "redoma", desde então! Eles são perigosos e sua doença, ao se espalhar por Ultramundi, pode destruir toda humanidade…

Meus olhos continuavam arregalados de espanto. Na minha ingenuidade infantil, perguntei:

– Por que ninguém os mata?

Vanya me censurou.

– Eles não têm culpa… Foram criados assim… Quem fez isso é que deveria ser punido.

Meu pai assoviou para nos avisar que estávamos demorando. Precisávamos partir. Eu não sabia qual era o nosso destino e nem poderia calcular, segundo o caminho que tomávamos. Eu nunca saí de Nonsense, então tudo era novidade para mim, as pessoas diferentes, os povoados e os lugares. Nunca imaginei que Fraldariam pudesse ser algo além do cortiço, das ruas e praças de Nonsense.

Vanya apanhou minha mão e me conduziu para o carroção. Dei uma última olhada para a vila e perguntei:

– Quem fez isto a eles?

Ela sorriu para mim e respondeu:

– Magos que vieram de outro mundo.

Com esta resposta, imaginei que ela falava dos tenferinos, pois todo mundo em Fraldariam sempre os acusava de qualquer atitude torpe. Se o leite fervia e derramasse no fogão, era culpa dos tenferinos! Se alguém desse uma topada com o dedão do pé, malditos tenferinos! Se ocorresse uma ofensa, perguntava-se: – "Acaso sou tenferino?", logo, imaginei que Vanya falava dos tenferinos. Na minha cabeça infantil via um bando de magos encapuzados carregando um estandarte com a Flor de Ferro, símbolo daquele povo, jogando a praga sobre aquela gente!

– Por que os tenferinos fizeram isso? – ela me ajudou a embarcar antes de responder:

– Não, criança! Não foram os tenferinos, eles não têm poder para tanto… foram magos de outros mundos! – sentou-se ao meu lado e me abraçou – Eles vieram em seus navios cruzando o espaço entre as estrelas e aportaram em nosso mundo. Quando chegaram e viram a terra a ocuparam. Contudo, seu povo sentiu a diferença entre os mundos e passou a sofrer. Eles tentaram remediar, porém só pioraram e acabaram por criar os espectros!

Neste momento, eu entendi que os tenferinos poderiam não ser os culpados por tudo e perguntei:

– Os tenferinos não são os responsáveis por todos as coisas ruins?

– Nem sempre! Eles fazem muitas maldades, mas nem todas partem deles!

Pensei no que Vanya falou e quis saber mais:

– E quando foi isso?

– Há muito tempo! Ao se perder das eras, menina!

Eu me calei tentando calcular as eras! Era impossível que eu compreendesse quanto tempo se passou. Eu nem sabia quanto anos tinha uma era, quanto mais calcular as que se perderam!

Meu pai me olhou pela portinhola do carroção e piscou para mim, pisquei de volta e sorri. Eu estava feliz e recostei-me a Vanya, que permitiu que eu ficasse assim. E eu dormi sentindo o calor de seu colo.

Acordei com o barulho da movimentação de pessoas e seu falatório. Havia muita gente na estrada, e todo aquele povo parecia ter um só objetivo. O templo em cima da colina. Centenas de barracas, onde as pessoas se abrigavam, foram montadas ao longo do caminho. Tendas de comerciantes eram o ponto frequente de encontro das pessoas que compravam seus artigos e onde também comiam. Vi pequenas caravanas chegarem e ocuparem os campos em volta do templo. Fiquei extasiada com o movimento e perguntei a Vanya:

– É uma festa?

– Pode-se dizer que sim!

– Toda essa gente, do que se trata?

– É a Luana – meu pai respondeu, e não disse mais nada.

Busquei em Vanya, uma explicação. Sempre gentil me esclareceu:

– Eras atrás o Grande Mago, desejou que seus filhos recebessem uma parcela de seu poder e criou a Luana. Ele determinou que Pluma e Norange, nossas luas, fizessem a junção e despejassem seu poder sobre as pessoas. Aquelas que tivessem os poderes latentes seriam despertadas e se tornariam magos ou feiticeiras. A luz da Luana, de alguma forma, faz isto.

Diante de minha cara de espanto, Vanya continuou:

– Isto ocorre de quinze em quinze anos, e desta vez é especial, pois a Princesa Sissi estará presente. Seus pais desejam sua transformação… Seria a continuação da tradição da família real. O Rei e a Rainha, seus pais, tem poderes incríveis e desejam muito que a Princesa tenha também este dom.

A princesa era mais nova do que eu, completou oito anos recentemente, e eu tentava imaginar como ela era. Diziam alguns que era a criança mais linda de Ultramundi! Porém quando a vi pela primeira vez, não achei isso!

Cavaleiros equipados com luzidias armaduras abriam caminho para o séquito dos reis. Seus corcéis brancos e de crinas longas, faziam par com suas armaduras e adereços. As pessoas corriam do meio da estrada e ficavam postados ao longo dela, esperando a passagem da carruagem real. Outros carroções como o nosso, tiveram que parar na beira da estrada para aguardar a passagem. Eu pulei à janela de nosso carroção e aguardei. Mais à frente outro carroção, que na pressa de sair da estrada, acabou por quebrar uma de suas rodas, bloqueava o caminho. Os cavaleiros instigavam os homens a empurrá-lo para fora da passagem, a tempo da carruagem poder passar. Contudo, como ela vinha rápido, não deu tempo para os homens tirá-lo do caminho, e a carruagem foi obrigada a parar. E parou ao nosso lado.

Fiquei admirada com o luxo ostentado no veículo! Duas parelhas dos mais belos cavalos brancos que eu já vi na vida, puxavam a carruagem. O desenho do veículo era magnífico, digno de uma princesa! Minha curiosidade era tanta, que coloquei a cabeça para fora para poder observá-la melhor. Nisto, um corcel

atravessou a todo galope, quase me levando com ele se não fosse a interferência de Vanya, que me puxou no exato momento em que ele passava!

– Cuidado, menina! – falou-me – Eles não se preocupam conosco!

Uma cortina foi movimentada na carruagem, e ao se abrir, vi a Princesa, que também me viu! Fiquei congelada pela surpresa e feliz ao mesmo tempo. Finalmente, vira uma princesa em minha vida! Fiquei vários segundos abobalhada diante da visão, e acenei discretamente com a mão, ela me olhou e mostrou a língua! Fiquei espantada e sem reação. Nunca imaginei isso da realeza, esperava que eles fossem corteses, educados e que amassem o povo! Tudo bem, era só uma criança, mas aquilo bateu em mim com muita força! Um simples gesto me causou uma grande decepção. E esta foi apenas a primeira que tive com a nobreza.

O momento foi breve, pois com a ajuda de meu pai e os nossos companheiros de viagem, o carroção foi retirado do caminho e o séquito pode prosseguir. Vanya percebeu minha frustração e me abraçou, beijando minha cabeça. Franziu o nariz e falou:

– Wicka, a primeira coisa que faremos, assim que montarmos o acampamento, será lhe dar um banho!

Banho! Eu fugia dele, da mesma forma que fugia da guarda real! Mas não teve jeito, Vanya mandou encher uma tina e me jogou dentro. Esperneei um pouco, mas depois que ela despejou algumas gotas de perfume na água, eu me acalmei e apreciei o banho. A muito custo, ela conseguiu desembaraçar meus cabelos, que ficaram tão lisos quanto os dela! Vanya me deu um vestido novo que comprou de um mascate, prendeu meus cabelos com uma fita vermelha e ao terminar falou:

– Pronto, Wicka! Você está linda, agora! Pode sair mas não vá se sujar!

Foi o mesmo que dizer: – "Vá, Wicka! Atire-se na lama!" – Fui perambular pelo acampamento e encontrei um grupo de crianças com as quais fui brincar. Uma das meninas cismou comigo, arrancou minha fita e a jogou numa poça d'água.

Eu era menor do que ela, e a avaliei enquanto ela ria com suas amigas. De certo, pensaram que eu choraria e a situação ficaria por isso mesmo! O que elas

não sabiam é que eu fui criada nas ruas de Nonsense e era filha de Malaquias, o "bom de briga"!

Sem avisar, apliquei um soco no estômago da outra e enquanto ela tentava puxar o ar e entender o que se passava, agarrei-a pelos cabelos e enfiei seu rosto na poça. Pulei sobre ela e apoiei os joelhos em suas costas, forçando seu rosto na lama. Eu estava com raiva e só fiz isto, pois meu pai sempre dizia: – "Nunca se deixe intimidar! A primeira impressão que tiverem de você, será a que você sempre carregará diante dos olhos dos outros! Então, nunca demonstre medo diante das outras pessoas, e se lhe acertarem, revide!" – o problema foi que a menina era de família nobre! E além de eu ter apanhado das outras e ter ficado toda suja, os pais das meninas foram reclamar com a guarda real, que fazia o policiamento do acampamento. Meu pai foi chamado para prestar contas e eu tive que acompanhá-lo perante o Conselho dos Magos do Templo. Não tive tempo para explicar-lhe o que ocorreu, pois me escondi para que Vanya não visse o estrago que fizeram em minha roupa, portanto ele ainda não sabia minha versão da história. Outra coisa que ele sempre dizia: – "Toda história tem dois lados: a de quem ganhou com a situação e a de quem perdeu. Normalmente, quem perde, perderá sempre. Então, procure estar do lado dos que ganham!" – Acho que não foi o meu caso.

Cinco meninas me acusavam de ter batido, sem mais e nem menos, na outra. Além de lhe arrancar um dente! – De certo, foi quando eu atirei um pedregulho em seu rosto! – o fato é que agora estávamos diante do Conselho e dos pais das meninas, e meu pai ouvia as acusações e, de vez em quando me olhava e fingia – Eu sei que ele fingia! – estar bravo comigo.

– Esta menina é uma selvagem! – bradava um "distinto" cavalheiro. – enquanto me apontava.

– Vejam o que ela fez com minha filha! – chorava a mãe. – enquanto expunha a filha com o rosto arrebentado. Juro que até eu fiquei espantada com o estrago que a pedrada fez em seu rosto! Praticamente arrancou-lhe todos os dentes da frente, e lhe deixou os dois olhos roxos, além do grande corte na testa.

Meu pai me olhou espantado e me perguntou discretamente:

– Você fez isto?!

Dei de ombros, como quem dizia: – "Acho que sim!" – ele apenas fez uma cara de assombro e voltou a escutar as reclamações.

Estávamos em uma grande tenda em frente ao templo. E a desordem era geral. Os pais protestavam e os Conselheiros não sabiam o que dizer diante da passividade de meu pai. Muitas pessoas se aglomeraram em volta e, ou apoiavam os pais da menina, ou apenas debochavam de sua situação, e nada se resolvia.

– Talvez algumas chibatadas resolvam! – alguém falou e todos se calaram! Era o Rei em pessoa que sugeria a pena.

Enquanto passava pelas pessoas, caminhava em minha direção e falava:

– Se esta criança conseguiu fazer isto com a outra, tendo em vista sua menor estatura e, aparentemente ela ser mais nova, temos que lhe ensinar bons modos para, assim que chegar à idade adulta, não cometa este tipo de crime mais vezes… – parou em frente ao meu pai e o encarou – Talvez, chegando até ao cúmulo de assassinar alguém! – concluiu.

Meu pai ensaiou um protesto, contudo foi calado pelo Rei, apenas com um gesto de sua mão.

– Você é o responsável por ela?

– Eu sou o seu pai, Majestade! – respondeu temeroso e eu nunca o vi assim!

– Então, você deverá aplicar as chibatadas para que ela aprenda a se comportar em sociedade…

As pessoas pareceram ficar satisfeitas com a resolução, contudo uma pessoa ergueu a voz em minha defesa. Era Vanya:

– Majestade! Não me parece certo aplicar a "justiça" a partir apenas de um ponto de vista! – ela avançou pela tenda e apoiou as mãos em meus ombros. – A menina Wicka não foi ouvida… não conhecemos o seu lado da história! Se é justiça que este povo quer, que a façamos da forma correta: ouvindo todos os lados!

O Rei encarou Vanya e o povo e sorriu:

– É disso que estou falando! Esta mulher foi a única a salientar o verdadeiro significado da palavra "justiça"! Muito me surpreende que os Mestres Magos, aqui presentes, não tenham ouvido a versão da criança acusada. – estes não sabiam onde enfiar a cara. E neste momento, chegava a Rainha acompanhada da Princesa Sissi e postou-se ao lado do Rei, que continuou: – Se por acaso, o fato ocorresse com minha filha, quereria eu, que a versão dela também fosse ouvida. Não se faz justiça apenas acusando!

O Rei ajoelhou à minha frente e perguntou:

– Diga, criança: o que aconteceu?

Ainda receosa, contei a ele o ocorrido. As meninas foram questionadas e continuaram a manter a sua versão da história. Eu protestei – pois amealhara um pouco de confiança – e criou-se o impasse! Todos ficaram na dúvida quanto a quem estava mentindo e as ofensas aumentaram. Meu pai passou a me defender com veemência, ao passo que as outras meninas receberam o apoio de alguns nobres presentes. O Rei percebeu que aquela discussão seria infrutífera e decidiu resolver a questão de vez!

– Não posso punir a menina, pois ela afirma que foi provocada. Porém, está evidente que ela agrediu a outra menina de uma forma muito… – o Rei segurou o riso – … contundente. E isso não pode passar impune, pois a agredida é dama de companhia de minha filha, a Princesa Sissi, e filha de um grande amigo da Casa Real. – segurei a mão de Vanya com força, aguardando pelo pior – Portanto, determino que a acusada substitua a agredida em suas funções enquanto permanecermos no Vale do Templo, e que ela se apresente o mais breve possível!

Não houve protesto. Ninguém ousou contrariar a determinação do Rei e este se retirou com sua esposa e filha. E mais uma vez, a Princesa Sissi me olhou, e aquele olhar me fez temer.

Vanya me ajudava a juntar meus poucos trapos num saco, enquanto meu pai bebia com seus amigos e se vangloriava de minha "sorte".

– Eu sempre disse – "Mentira!" – que minha Wickinha seria alguém nesta vida!

Neste ponto ele se ergueu, enroscou o pé na banqueta e caiu ajudado pela bebida. Arrastou-se até onde eu estava e me abraçou dizendo:

– Minha Wickinha, aproveite a oportunidade e faça uma pequena "faxina" nos pertences reais! Afinal, eles têm tanto que nem vão dar por falta de uma tiara de prata, alguns anéis com enormes diamantes, ou uma bolsa de moedas de ouro…

Vanya me puxou para si e me arrastou para fora da tenda. Abaixou-se e me falou:

– Não dê ouvidos ao seu pai! Não faça nenhuma besteira enquanto estiver lá, pois se algo acontecer, não teremos como lhe livrar da "justiça do Rei"! – olhando muito séria para mim, Vanya reforçou o alerta: – O Rei é justo, mas não tolerará ser enganado em sua própria casa!

– Wicka, Wickinha! Meu amor, meu tesouro! – era meu pai, torto de bêbado, gritando por mim de dentro da tenda. – Venha me dar um beijo antes de ir, Wickinha!

Com um olhar, Vanya me orientou a ir me despedir dele. Fui até meu pai e o beijei. Segurando minha mão, lançou-me aquele olhar matreiro e falou:

– Wickinha, não se esqueça de aliviar o peso dos ricos! – Vanya tentou protestar e meu pai fez pouco-caso dela. – Não dê atenção a ela. Escute! São poucas as vezes na vida que temos oportunidades como esta, aproveite!

Vanya me conduziu para fora e se dispunha a me levar até a tenda real, quando os dois companheiros dela nos interceptaram.

– Nós levamos a menina. Malaquias está bêbado e precisa de sua ajuda. Além disso, você tem que se preparar para a Luana. – disse Yorg, o mais mal-encarado da dupla.

Vanya olhou desconfiada para ele e me abraçou:

– Comporte-se, Wicka. Daqui a dois dias, após a Luana, nos encontramos.

Fiz que sim com a cabeça, por que minha voz estava embargada pelo choro que eu segurava, pois nestes momentos meu pai sempre dizia: – "Não chore, pois você já derramou sua cota de lágrimas quando era bebê!" – então eu obedecia e acabei por ficar com este hábito.

Nos afastamos de nossa tenda e Vanya nos observava. Os dois sorriam para mim, tentando ser simpáticos, porém eu sabia que não eram verdadeiros seus sorrisos. Abracei forte minha trouxa e caminhei como quem não queria ir a lugar algum.

Assim que passamos pela última fileira de tendas, Yorg me puxou e falou:

– Preste atenção, pirralha! Ignore o que Vanya disse! Você vai sim, aliviar os ricos. – neste ponto tentei protestar, ele me deu um safanão e sacou uma faca. – Você vai fazer o que estou mandando! Senão seu pai é quem vai pagar…

– Vocês não podem nada contra ele! Em pouco tempo e alguns sopapos, ele acaba com vocês! – ameacei.

Bafa, o outro, deu-me um cascudo e revelou:

– Por isso o manteremos bêbado. Dessa forma ele não conseguirá bater nem num vira-latas! – com um outro cascudo reforçou a ameaça: – Agora nos obedeça, pirralha!

– Vou contar para Vanya! Vocês vão ver!

– Se você tentar qualquer coisa… – dizia, Yorg, enquanto simulava cortar a garganta com a faca – … em você, depois no seu pai e na Vanya! – tremi só de pensar na possibilidade. Passei a gostar muito de Vanya, e não queria que nenhum mal lhe acontecesse. Quanto ao meu pai, nem preciso dizer! Restava-me obedecer aos dois!

– Vê aquele bosque? – olhei para onde ele indicava. – À noite, depois do toque de recolher, você nos trará algo! Aguardaremos você lá, hoje à noite!

– Mas… – queria dizer que seria impossível sair da tenda real e passar pelos guardas, mas Bafa me deu outro cascudo, que doeu mais do que os outros dois!

– Cale-se! Temos pouco tempo, e quanto mais rápido você agir, mais lucro teremos! – Agora, vamos! – e me arrastou novamente em direção à tenda real.

– Ah!, mais uma coisinha! – e desta vez, a faca foi apontada para mim: – Se você tentar alguma coisa, já sabe! Não teremos piedade de vocês três!

Caminhei ao lado deles e fiquei tentando imaginar como faria para conseguir algo, e pior! Como passaria pelos guardas? Eles estavam em toda volta, para onde quer que se olhasse ao redor da tenda real, via-se um soldado armado! E não havia só a tenda da família real. Contei mais umas dez ou doze circundando a área. Provavelmente eram dos nobres, soldados e serviçais da família. Eu não teria nenhuma chance de passar por eles. Ou talvez, pudesse sim! Eu era pequena e os anos fugindo da guarda em Nonsense me habilitaram a ludibriar qualquer soldado, ainda mais estes, que ostentavam sua "lindas" armaduras.

Ao nos aproximar do local, uma dupla de orcs nos barrou. Nos olharam do alto de seus dois metros e perguntaram o que queríamos. Yorg adiantou-se e encarou a criatura e não demonstrou medo:

– Trouxemos a menina que foi incumbida pelo Rei a tomar o lugar da outra!

Os orcs mandaram que aguardássemos. Um deles saiu e retornou com um rapaz que parecia ser um nobre. Este ostentava um olhar confiante e ao me ver, sorriu:

– A menina que "quebrou" a cara de minha irmã! – a esta menção, meu coração disparou e fiquei com receio de que ele quisesse me punir pelo incidente.

– A própria, Senhor. – Yorg respondeu, fingindo humildade.

– Ótimo! Deixe-a comigo! – ignorou os dois e me acompanhou a certa distância. Eu caminhava à sua frente e não ousava olhar para trás, e enquanto ouvia seus passos, tentava adivinhar qual seria meu destino. De repente, ele põe a mão sobre meu ombro e fala:

– O que você fez ensinou Nayala a ter um pouco mais de respeito pelas pessoas. Ela sempre age com arrogância no trato com os demais, principalmente com aqueles que não podem se defender ou revidar… Ela não entende que devemos, independente da posição, respeitar as pessoas. Você lhe ensinou bons modos… de uma forma um tanto violenta, mas eficaz! – agora ao meu lado, ele sorria para mim, e como era belo seu sorriso!

– Arthur! – berrou um rapaz que correu até nós chamando pelo amigo. – Você não vai nos acompanhar nos treinos de espada?

– Logo. Primeiro devo levar "nossa campeã" até a tenda dos Reis, em seguida vou para o campo me juntar a vocês.

O outro rapaz correu e parou à minha frente e ficou me admirando como se visse um prêmio.

– Foi você que acabou com a arrogância de Nayala? Não acredito! Você é bem menor do que ela! – gritando para os outros rapazes, chamou-os dizendo: – Pessoal, corram! Venham ver nossa heroína! – num segundo estavam todos ao nosso redor e chovia mais exclamações de admiração. Aparentemente o que fiz, ofendeu somente aos adultos, pois estes meninos não conseguiam esconder a satisfação pelo estrago feito à outra.

O aglomerado de jovens no meio do acampamento real chamou a atenção dos nobres e um deles, aparentemente o comandante da guarda, veio saber o que se passava.

– Arthur, que balbúrdia é esta? Como "oficial de dia" você está muito relapso! Disperse esta turba, agora! – todos se calaram diante da reprimenda.

– Sim senhor, pai! – o rapaz falou temeroso.

– Comandante! Não se esqueça que estamos em campo e sou seu superior em armas! Agora obedeça minhas ordens e coloque estes soldados de volta no campo de espadas… Uma hora a mais de treinamento fará com que eles percam o sorriso! – e desviando seu olhar para mim, concluiu: – Soldados não precisam de sorrisos e nem de distrações!

Assim que Arthur dispersou o grupo voltou-se para seu pai e aguardou. O comandante ainda olhava para mim enquanto dava nova ordem ao rapaz:

– Leve a menina para a tenda dos servos e a entregue à governanta. Depois venha falar comigo.

– Sim senhor, Comandante! – foi a resposta de soldado do jovem.

Assim que se afastou, Arthur me esclareceu:

– Meu pai é o comandante das tropas reais aqui no Campo do Templo. Ele é muito austero e detalhista com o seu trabalho e quer que eu siga os seus passos… – nisto, ele se calou e ficou observando o pai se afastar. Seu olhar

exprimia uma certa tristeza, mas logo um sorriso brotou em seus lábios e segurando minha mão, conduziu-me até a tenda dos servos.

O evento da Luana é muito importante pra nós em Fraldariam, pois nele serão conhecidos os novos magos e feiticeiras. Eu nunca presenciei um, porque o último ocorreu dois anos antes de meu nascimento. Foi nele, segundo soube depois, que a Rainha Nalla passou pela transformação, e agora sua filha, a Princesa Sissi teria a primeira oportunidade para se transformar. Alguns magos achavam muito cedo para isso, mas o Rei insistia na tentativa. Nem sempre um mago ou uma feiticeira conseguia se transformar de primeira. O nosso Mago Mor só foi agraciado na terceira e última tentativa, e mesmo assim, se mostrou um mago poderoso! Algumas características eram necessárias para se candidatar à Luana. Primeiro, ter algum antepassado que se transformou. Segundo, apresentar alguns sinais, que só o Mago Mor e a Grande Feiticeira Branca podiam reconhecer e terceiro, querer!

Lembrei-me de Vanya e tentei imaginar que sinais poderiam ser estes. Apesar de ser muito boa para mim, não conseguia distinguir qualquer singularidade nela, além de seu olhar misterioso! Eu queria ter o olhar como o dela. E as vezes, espremia um pouco os meus olhos para tentar deixá-los como os dela. Como qualquer criança fazia quando encontrava alguém a quem admirar.

Ao se apresentar diante do Conselho do Templo, os pretendentes estão cientes de que poderão ser rejeitados, e de que não poderão protestar ou tentar impor a sua vontade.

Minha amiga era uma das pretendentes, e toda sua atenção deveria estar voltada para o teste. E eu temia que o incidente com a filha do Comandante, de alguma forma, pudesse distraí-la de seu objetivo. Por isso, tinha o maior cuidado para não causar mais problemas.

Quando cheguei na tenda dos servos e fui entregue à Governanta, a primeira coisa que ela determinou foi:

– Um banho! Essa menina tem a aparência de quem nunca viu água na vida! Uma selvagem! Não foi à toa que quase matou nossa querida Nayala! – logo

percebi que esta mulher era exagerada! Eu nem cheguei perto de matar a outra... e pior!, o segundo banho no mês! Quanto exagero!

As servas pareciam determinadas a arrancar minha pele, tal era a forma com que me esfregavam com aquelas buchas que mais pareciam cascalho. Secaram-me com toalhas tão ásperas quanto as "pedras" com que me esfregaram. Puxaram meus cabelos como se fossem arrancá-los, bateram no meu rosto com uma pequena almofada cheia de um pó branco que me fez espirrar sem controle. Fui obrigada, embora tenha esperneando um pouco, a calçar uns sapatos decorados com imensas rosas pregadas neles e, por fim enfiaram-me em um vestido cheio dos fricotes que me fez sentir como uma palhaça!

Pronta, fui levada para a tenda real e aguardei sozinha sobre um imenso tapete. Não ousava me mexer, mesmo porque a roupa não deixava! Enquanto aguardava, passei a observar o ambiente. Muitas almofadas e itens de luxo. Peças decorativas que pareciam ser feitas de ouro. Pensei: – "Quanto peso eles carregam!" – e sorri, ao lembrar da recomendação do meu pai.

– Está feliz, Wicka? – uma voz de criança chamou minha atenção. Era a Princesa Sissi. Ela e suas damas de companhia.

Por que estaria feliz naquela situação? Meu desejo era estar com meu pai e Vanya. E então me lembrei de Yorg e Bafa, e da incumbência que me deram. A tiara cravejada de diamantes que ela usava, parecia muito pesada sobre sua cabeça! Deixaria ela para o final, seria o meu prêmio de consolação!

– Muito, Alteza! – respondi fazendo uma reverência. Meu pai dizia: – "Finja cordialidade e submissão. Aqueles que estão no alto pensarão que você é fraca e não lhe admoestarão por muito tempo!" – Ele queria dizer, deixe que pensem que você é idiota, porém nunca seja de fato!

As meninas me cercaram e me preparei para revidar caso elas tentassem me atacar. Apesar das expressões nada amistosas, não intentaram nada.

A Princesa tocou meu cabelo e disse:

– Como é viver nas ruas?

Achei estranha a pergunta e fiquei sem resposta. Naquela idade eu só conhecia aquele modo de vida. Não sabia como compará-la com outras, pois eu não fazia ideia de como poderiam ser. Simplesmente respondi:

– Sou livre! Posso andar pela cidade toda!

– Você não vai à escola?! – senti que elas ficaram surpresas com minha resposta.

– Meu pai diz que na escola da vida se aprende mais!

– Então você não sabe ler e escrever? – uma delas perguntou.

– Sei! Tive que aprender para poder escrever minhas músicas.

Elas se entreolharam surpresas, e a Princesa Sissi apanhou um livro e me entregou.

– Vamos ver se é verdade, leia!

Olhei para a capa e li o título: –"Versos de Ramos".

Ela mandou que eu lesse um trecho em qualquer parte. Obedeci.

– "Estrelas partidas e mortas, retornam à vida em seus filhos. Uma eternidade é pouco, e antes, e agora e sempre está vivendo. Os filhos giram em torno da nova mãe, que foi a mesma de outrora."

– Onde você aprendeu canardinês? – a Princesa Sissi perguntou enquanto recolhia o livro.

– No porto de Nonsense. Temos que entender o que os estrangeiros falam, senão… – ia dizer que sem entendê-los, não poderíamos ludibriá-los, porém me corrigi a tempo: – como faríamos negócio com eles?

Entregaram-me outro livro. Um romance balzeo.

– "Fim do Dia" – anunciei e comecei a ler um trecho.

– Muito bem, Wicka! Você domina bem a pronúncia das palavras, porém em algumas, você abre muito as vogais… – A Princesa me interrompeu.

– É a forma usada pelos marinheiros. É com eles que aprendemos o idioma… Na verdade, acabou ficando quase que uma mistura dos dois…

– "E o idioma universal?" – uma menina mais velha perguntou, usando-o.

– "Estou começando a aprender." – respondi.

O idioma universal é uma língua morta, que era o idioma da civilização de Ramos, e poucos a usam somente para tratados filosóficos ou científicos. Meu pai me ensinava o tanto que sabia.

– Tão nova e já conhece vários idiomas. – disse a Princesa – Sua estadia aqui será interessante! Pena que ficará somente três dias. Nayala retornou à Capital para ser tratada… Ela é meio arrogante. Vai ser bom ficar sem ela por estes dias. Você a substituirá bem!

Apesar de ter apenas oito anos, a Princesa tinha uma postura de adulto. Talvez fosse seu posto que fizesse isso. Sei apenas que, anos mais tarde, quando a encontrei novamente, ela era totalmente dona de si. Estava praticamente pronta para assumir o país.

– Venham, vamos comer alguma coisa. – anunciou, e eu gostei!

Anoitecia e eu comecei a me preocupar, pois tinha que dar um jeito de levar alguma coisa para os dois patifes. Calculei que não poderia pegar nada que fizesse falta de imediato, senão as suspeitas cairiam logicamente sobre mim. Teria que ser algo de valor e difícil de se controlar. Enquanto mastigava o lanche, observei a quantidade de talheres colocados à mesa. E eram de prata! Um metal quase tão bom quanto o ouro…

– O que foi, Wicka, algum problema? – perguntou Nariah, a dama de companhia mais velha.

Eu poderia dar qualquer desculpa, contudo apenas balancei a cabeça negativamente.

Nariah era filha do Conde Settus de Patili, um reinado no limite oeste de Fraldariam. A outra menina era Wandy, filha do Barão de Rocha Alta, reinado ao norte na fronteira com Tenfer. E a menor, era Nadália, filha do guerreiro Astur de Lankone, o Reino do Leste. Nayala e Arthur eram filhos de Odyn, Comandante da Guarda Real de Fraldariam. Seu cargo passaria a Arthur, e este desposaria a Princesa Sissi quando ela atingisse a maioridade, e eu estava começando a gostar dele!

Capítulo 2: A tiara de Luana.

Era difícil encontrar algo para pegar naquela escuridão, mas eu não podia usar o lampião, pois a luz chamaria a atenção dos soldados lá fora. A barraca da cozinha estava fechada e eu imaginava que os talheres de prata estavam lá, pois a louça era lavada nas tinas colocadas ali. E eu estava certa! Havia uma enorme caixa com a legenda "talheres" talhada nela, bem no fundo da barraca, que só percebi ao tocá-la. Abri instintivamente e enfiei a mão, recolhendo algumas facas, garfos e colheres, que enrolei cuidadosamente num pedaço de pano. Antes de fechar a caixa, notei uma enorme concha, e pensei em pegá-la, porém mais uma vez, as palavras de meu pai soaram em minha consciência: – "Nunca exagere! O porco morre quando está gordo!" – pela primeira vez, entendi o que ele queria dizer! E fechei a caixa. Se eu pegasse os talheres mais chamativos, logo sentiriam sua falta!

Pegar os objetos foi relativamente fácil, o difícil seria levá-los até os chantagistas. Os guardas estavam em grande número e bem distribuídos pelo acampamento, e a visão dos orcs, que auxiliavam na guarda, era bem melhor no escuro. Eu tinha que me aproveitar de meu tamanho e da minha experiência das ruas de Nonsense.

Saí da barraca passando por baixo da lona pelo lado de trás, entre ela e a grande barraca que era o "salão" de audiências do casal real. Coberta por uma capa com capuz, conseguia ocultar minha silhueta nas sombras. Pluma e Norange espiavam o que eu fazia. Norange, a lua menor e alaranjada, seguia o rastro de Pluma, a lua maior e palidamente azulada. Com seu testemunho eu não podia dizer que estava incógnita. Parei quando ouvi os passos metálicos de dois guardas. Eram orcs, que conversavam no seu idioma gutural, e assim que se afastaram, corri para o refúgio mais próximo. Procurava as sombras, coisa que fiz durante a maior parte de minha vida! E foi, quando a sombra se intensificou e o sono caiu pesado sobre minhas colegas na barraca das damas de companhia, que eu busquei seu refúgio para perpetrar minhas buscas por "pesos", como diria meu pai. Confesso que sofri